

TEMPO E DESTINO N'OS *MAIAS*, DE EÇA DE QUEIRÓS

João Décio

Como tentaremos evidenciar, o destino (1) no romance *Os Maias*, de Eça de Queirós aparece como elemento rompedor da continuidade temporal, na medida em que implica a realização da ligação incestuosa entre Carlos da Maia e Maria Eduarda e a revelação desse segredo de uma forma que pretendemos elucidar. Mas, por outro lado, o destino constitui um dos temas que poderá levar a controvérsias em torno daquelas personagens centrais e de outras, como Pedro da Maia, João de Ega e mesmo Afonso da Maia, para nos cingirmos às mais significativas.

No tópico em questão, a problemática mais importante reside no amor incestuoso entre Carlos da Maia e Maria Eduarda. Nos outros casos, ele se torna de interesse mais reduzido. Na análise do assunto, de princípio, já surge naturalmente a interrogação: seria o destino, configurado dentro de uma sucessão cronológica da narrativa, como algo necessário à trama e pré-estabelecido pelo narrador ou resultará de uma continuidade psicológica (2) temporal (dos sentimentos, das idéias, enfim, das vivências íntimas e intransferíveis) no tempo e no espaço? Ou decorreria das ações e das atitudes das personagens envolvidas ou se constituiria num elemento fortuito, senão gratuito no desenrolar do romance? No caso em tela, é procedente pensar que o destino, relativo à sucessão temporal, apresenta duas direções: uma,

(1) — Entenda-se como destino a inexorabilidade nos acontecimentos de fatos que podem depender ou não das circunstâncias internas e da realidade psicológica do ser. André Lalande defende o destino como sendo “*proprement, puissance par laquelle certains événements seraient fixés d’avance quoi qu’il pût arriver, et quoi que les êtres doués d’intelligence et de volonté pussent faire en vue de les éviter*” (*Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, p. 219).

(2) — Jean Pouillon lembra a respeito do assunto: “Como defendemos a tese de que, a existir um destino, dependerá o mesmo da psicologia individual de um ser, e não da estrutura do tempo, que permanece contingente, deduz-se impossível exigir de um romancista afirmar a existência de uma fatalidade quando dele se exige o respeito pela psicologia ou pelo tempo” (*O Tempo no Romance*, p. 125)

necessária, natural, coerente, em torno dos aspectos psicológicos das personagens e que leva Carlos e João da Ega a um fracasso inevitável. Esta linha liga-se a uma série de outros fatores, como a educação, o meio ambiente, o momento, as circunstâncias que informam a trajetória das duas personagens, acrescentado-se no caso de Carlos da Maia e Pedro da Maia, o peso da hereditariedade, já que ambos se explicam em grande parte em função das heranças familiares.

Já o destino centrado na presença de coincidências e acasos, se torna mais frágil de ser definido, porque revela-se com certa gratuidade e não apresenta relação íntima com as vivências internas, portanto, com o termo psicológico de Carlos, cuja coerência o levaria à frustração e ao falhanço. O incesto constitui-se num fracasso a mais, lançado exclusivamente (ou quase) a crédito das coincidências temporais (e espaciais)

Se acompanharmos, por exemplo, Carlos da Maia e Pedro da Maia, momento a momento, nas suas reações, atitudes, diálogos, nas referências a alguns antepassados, percebemos a linha do destino que os vai conduzir a dois passos trágicos da obra: o incesto e o suicídio, respectivamente.

É ainda Jean Pouillon que nos permite trazer mais luzes em torno da questão, quando afirma muito procedentemente:

“Afirmar a contingência equivale por conseguinte a declarar que a necessidade de um destino constitui tão somente um dos modos possíveis da ligação temporal e, a tornar, assim, indispensável uma análise desses modos. Que plano se deverá então seguir para esta análise? Em primeiro lugar, de um modo muito geral, podem-se distinguir dois grupos de romance: os que se propõem apenas a descrever a evolução de uma personagem, talvez sem pretender insistir sobre sua contingência mas, em todo caso, sem nela querer ver a todo custo a marca de uma fatalidade, e os romances que, pelo contrário, se empenham em desvendar o que presidiria necessariamente a essa evolução” (3)

No caso d'*Os Maias*, agora associando o termo ao destino, há uma adequação entre as personagens (Carlos da Maia, Pedro da Maia e Maria Eduarda) e a narrativa, quer dizer, o destino se temporaliza numa seqüência de momentos, cenas, falas, conducentes a um fim inexorável.

(3) — Jean Pouillon, *op. cit.*, p. 124.

Dentro dessa divisão, em que grupo de romance poderia situar-se *Os Maias*, no processo de relação entre tempo e destino? Parece que ele cai para o primeiro grupo (dos lembrados por Jean Pouillon), num certo sentido (como um “dos modos possíveis da ligação temporal”) e justamente no relativo. à fatalidade, porque não só o narrador insiste nesse aspecto, resultando ser a descoberta do incesto fruto do mero acaso (em vários passos no plano do tempo cronológico, como a parecença de Pedro da Maia com um avô de Maria Eduarda Runa que havia se suicidado; as semelhanças de nome entre Carlos Eduarda e Maria Eduarda e a parecença que esta vê entre aquele e sua mãe, Maria Monforte) e no outro sentido, pende para o segundo grupo, porque o romance descreve a evolução da personagem Carlos (o mesmo se poderá dizer de Maria Eduarda e Pedro da Maia), sujeito a uma educação de extremos, num ambiente desintegrador (basta conferir o diletantismo e o vazio do tempo social do protagonista Carlos, nas várias realidades espaciais: as salas do Ramalhete, os restaurantes, os bares, as redações de jornais, o hipódromo) das melhores energias, na medida em que é levado pelo momento e pelas circunstâncias. Dados tais condicionamentos é natural que as personagens estejam inexoravelmente fadadas ao fracasso. Todo o processo educacional, momento e circunstância, constituem passos da realidade temporal cronológica das personagens. Pode-se inferir, então, que o destino das personagens d'*Os Maias* se liga a essa força determinadas por Taine (4) e afirmam um romance rigorosamente integrado numa estética realista.

Mas as idéias de Jean Pouillon ainda iluminam o estudo d'*Os Maias*, não só porque se estendem na análise do destino, como o ligam a aspectos temporais como o da contingência e da continuidade. Em ambos aspectos o fluxo temporal aplica-se aos chamados romances tradicionais em que há elos determinados entre os acontecimentos. Ora, *Os Maias* situa-se nesta linha em que se acham claras as seqüências temporais, momentos perfeitamente encadeados uns aos outros, ressaltando-se o episódio mas ou menos gratuito da revelação do incesto. Mas se isto é evidente no romance, a contingência do fluxo temporal não pode ser provada por raciocínios.

(4) — Lilian R. Furst e Peter N. Skrine afirmam a propósito do filósofo francês: “Assim, para os Naturalistas o Homem é um animal cujo destino é determinado pela hereditariedade, pelo efeito do seu meio ambiente e pelas pressões do momento” (*O Naturalismo*, p. 31) Tais aspectos se associam rigorosamente à organização da temporalidade de personagens como Carlos da Maia, Maria Eduarda e Pedro da Maia.

Realmente, no caso d'*Os Maias* talvez não se possa provar a contingência, o fluxo temporal se define num caráter sucessivo de ações e acontecimentos que guardam um elo claro e definitivo e é possível ser identificado em todo o primeiro volume e grande parte do segundo. Talvez apenas o processo do destino é que fique afeto a coincidências no tempo (e no espaço) e fuja a esta regularidade do fluxo temporal. No mais, *Os Maias* se define claramente como uma sucessão de causa e efeito, seja na temporalidade da narrativa seja na das personagens.

Mas, a verificação das virtualidades e da tendência para aceitar o destino, apresenta outras facetas, na organização do tempo das personagens. Poder-se-á perguntar: no caso do romance que vimos analisando, explicar-se-á o destino pela sucessão de vivência íntimas (pensamentos, sentimentos, impressões) que definem um tempo diferenciador, psicológico, particular das personagens ou pela cronologia dos instantes puramente exteriores, a temporalizar as personagens num plano estritamente social? Em outras palavras, seria o destino com relação às personagens algo que se opera de fora para dentro ou no sentido inverso? Quer dizer que o destino se vai preparando num tempo interior das personagens, como algo inexorável, que se conhece e não se pode impedir ou resultará de um tempo exterior, influenciado, portanto, por forças externas às criaturas ou da conjugação de ambos fatores?

A definição de uma linha interior às personagens, configuraria *Os Maias* como um romance liberto de tendências estético-literárias e que poderia atingir alto nível de realização. Mas resta ver se ainda aqui, não se adota uma posição de defesa de uma idéia-pré-estabelecida (6), quer dizer, dentro de certas coordenadas epocais e sofrendo a influência de um tipo especial de educação e pressionadas por circunstâncias externas (a organizar uma lógica temporal cronológica) tornar-se-ia inevitável que as personagens (e estamos pensando aqui, especialmente em Carlos da Maia e João da Ega) tenham um destino inevitável de fracasso no tempo, aliás, pacificamente aceito por am-

(5) — A posição de Jean Guittou poderá trazer luzes na compreensão da problemática d'*Os Maias*: "Nous avons dit que nous nous écoulions dans le temps. Il est plus véritable que le temps s'écoule en nous" (*Justification du Temps*, p. 8).

(6) — António Coimbra Martins viu a dificuldade: "Ora, se a literatura realista exclui o gratuito, se a ficção queirosiana tem, em geral, um alcance transcendente, a presença do incesto n'*Os Maias* há de justificar-se por uma coerência interna da própria obra. Tudo n'*Os Maias* há de servir a um propósito social do autor, independente das suas obsessões pessoais. Fazer concordar a idéia do incesto com um propósito de crítica social. Eça sentiu a dificuldade. (*Ensaio Queirosianos*, pp. 273-274).

bas as personagens em algumas passagens do romance. Cumpre lembrar que no caso o destino (7) não constitui em si o tempo mas uma maneira de vivê-lo. O que há de grave é que elas vivem o tempo aceitando passivamente o destino, não lutam contra ele, o que as engrandeceria diante de si mesmas e dos que as cercam. Aceitaram, sem a menor reação a inexorabilidade do que desabava sobre elas, embora tivessem consciência de quase tudo. No caso de Carlos da Maia, aceitou o suicídio do pai, a morte violenta do avô, o reconhecimento do incesto com a irmã, sem nunca ter questionado duradouramente e ainda menos reagido e nos dois últimos acontecimentos sem ter lutado contra a imposição do “Fatum”

Já na linha do incesto (como destino forçado pelo romance) ponto mais alto do trágico no tempo, António Coimbra Martins (8) mostra que essa já de há muito estava no espírito de Eça, quer dizer em muitos momentos da trajetória de sua obra, ela volta a ser reiterada, acentuando que o difícil seria enquadrar o incesto como realidade epocal, na segunda metade do século XIX.

Mas a aceitar a idéia de Jean Pouillon de que “o destino” não é o tempo em si mesmo, mas uma maneira de vivê-lo n’ *Os Maias* ele se ergue dentro de uma coerência psicológica numa linha de inércia, de inação diante dos fatos implacáveis, no referente às personagens o que as levaria a malogros parciais senão a fracassos totais (caso do incesto). Tudo isso dentro do que Jean Pouillon chama de “destino interior” (*O Tempo no Romance*, p. 153) De outro lado, associando-se a este aparece o “destino exterior” (idem *ibidem*), na aceitação das premissas tainianas que se desenvolve numa temporalidade cronológica ou seja, a educação, o meio ambiente, o momento, as circunstâncias e a hereditariedade.

N’*Os Maias*, o destino como maneira de viver o tempo conjuga fatores internos e externos às personagens (em especial com relação)

(7) — Jean Pouillon, aliás, em breve síntese, esclarece o assunto: “O destino não o tempo em si mesmo. É uma maneira de viver o tempo; é portanto, inseparável da psicologia particular do indivíduo que se pretende demonstrar” (*O Tempo no Romance*, p. 168).

(8) — Lembra o estudioso e crítico da Literatura Portuguesa: “Finalmente há uma prova material de que o tema do incesto deduzia profundamente Eça de Queirós: é que o escritor, desde muito antes d’*Os Maias* não deixava de pensar nele. N’*O Primo Basílio* são primos direitos Basílio e Luísa. Apenas um esboço. Pouco depois surge um projeto de romance sobre o incesto: *O Desastre da Travessa do Caldas*; o projeto metamorfoseia-se, o título muda, mas o tema devia permanecer n’*A Tragédia da Rua das Flores*. Também este romance fica no saco, mas muito dele passa, todavia, para *Os Maias*. Entre esse muito, o incesto.” (*Ensaio Queirosianos*), p. 272.

a Carlos da Maia, João da Ega e ainda Pedro da Maia), embora haja predomínio das premissas tainianas. Tudo isso leva à irrecusável aceitação de que o ser não pode decidir do seu destino, colaborando nele. É só lembrar que, ao longo dos dois volumes, Carlos da Maia, Maria Eduarda e João da Ega não fazem qualquer esforço, não lutam por qualquer idéia ou sentimento mais nobre no processo de temporalização. O acompanhamento das personagens no plano da sucessão ordenada, de momentos do seu tempo cronológico, mostra que elas antes *passam* do que *duram*. Deixam-se levar por um tempo social onde a relação com os seres se coloca num plano epidérmico. Raramente vivem num tempo interior, de reflexão, de amadurecimento sobre os fatos da vida, visando não repetir os erros do passado e, principalmente, não atuam nunca num tempo de construção e de invenção criadora, com atitudes e ações visando construir-se a si e nos outros. Deixam-se ainda no plano do tempo social arrastados por uma inércia da vontade e por um vencidismo de raiz, (conforme assinala Mário Sacramento (9) — influenciar por costumes burgueses, no plano moral, impregnados que estão pelos “chiques” das ligações ilícitas (Carlos da Maia e João da Ega, respectivamente em relação à condessa de Gouvarinho e a Raquel Cohen) consequência de um donjuanismo que acaba por destruir as possíveis sublimações de um tempo interior, de auto-interrogação, de perplexidade, em torno de uma idéia mais profunda e nobre ou de um sentimento mais puro, como o da amizade ou do amor. Escorregam, quase que inconscientemente (João da Ega, Carlos da Maia e Maria Eduarda em especial) arrastados pela exigência dos sentidos, em procedimentos imorais em que valem os momentos e o momento, inexistindo o dimensionamento temporal em termos de uma transcendência (10)

Na base, não há qualquer atitude mais profunda a purificar e a superar a mera contingência temporal.

Carlos, especialmente, se revela no tempo como um joguete de situações, do momento e das circunstâncias, deixando-se levar por solicitações de ordem sensual que invariavelmente se mesclam com o sentimento e o afogam. Portanto, a temporalização no plano histórico e social, se associa a determinadas vivências interiores (sentimentos e idéias) na fixação de realidades que se impõem inexorável-

(9) — *Eça de Queirós, Uma Estética da Ironia*, p. 237

(10) — Jacinto do Prado Coelho nos interroga e se interroga com muita perspicácia a propósito d'*Os Maias*: “Conseguiu Eça de fato conciliar estruturalmente, essas duas grandes isotopias, por outras palavras, o transcendente e o terreno, o insólito e o quotidiano, o romanesco e o trivial?” (*Ao Contrário de Penélope*, p. 168)

mente no tempo psicológico. É assim que o destino se revela n'*Os Maias* como uma maneira específica de viver, aceitando tudo, numa inércia, sem reação, parecendo ilustrar a idéia antecipadamente aceita de que tudo “estava escrito” É esta filosofia de vida que impregna Carlos da Maia e João da Ega ao longo do romance.

Acompanhados, passo a passo, no plano do seu tempo interior e exterior, as personagens Carlos da Maia e João da Ega (e mesmo Maria Eduarda e Pedro da Maia) parecem aceitar que carregam em si um *Fatum* contra o qual é impossível e mesmo estéril lutar. Cumprem seu destino como um processo quase inconsciente de estar (e não ser no tempo), passando antes que durando, raramente buscando a consciência do que se é e por que se é.

Para concluir nesta oportunidade (pois o assunto é rico e continua em aberto) cumpre lembrar que o destino apresenta outros aspectos curiosos no romance *Os Maias* como o da antecipação temporal. Já no início da obra, o destino já comparece como força irresistível na fala de uma personagem secundária, o Vilaça, num tom sibilino e de presságio:

“ e por fim aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete. Ainda que (acrescentava ele numa frase meditada) até me envergonho de mencionar tais frioleiras neste século de Voltaire, Guizot e outros filósofos liberais (*Os Maias*, vol.I, p. 8.).

Embora logo em seguida tente desviar a atenção com relação ao *Fatum*, a impressão fica sempre no espírito do leitor e aguardamos que se cumpra o presságio a qualquer instante no romance. Ao final repetem-se as palavras do Vilaça, depois de se saber que Carlos da Maia e Maria Eduarda eram irmãos. Posição de uma personagem secundária, de afirmação do inexorável, do inevitável no tempo. Nítida afirmação do destino com relação aos componentes da família dos Maias (Carlos, Pedro, Afonso e Maria Eduarda) e que se revela, na associação com o tempo como um dos aspectos fulcrais daquela que é a obra mais alentada de Eça de Queirós.

Bibliografia

COELHO, Jacinto do Prado — *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Bertrand, 1976.

Furst, Lilian R. e Peter N. SKRINE — *O Naturalismo*, Coimbra, Almedina, 1976.

GUITTON, Jean — *Justification du Temps*, Paris, Presses Universitaires de France, 1961.

LALANDE, André — *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, Paris, 7a. edição, 1956.

MARTINS, António Coimbra — *Ensaio Querosianos*, Lisboa, Publ. Europa-América, 1967.

POUILLON, Jean — *O Tempo no Romance*, São Paulo, Cultrix, 1974.

QUEIRÓS, Eça de — *Os Maias*, Porto, Lello, 2 volumes, 1945.

SACRAMENTO, Mário — *Eça de Queirós, uma Estética da Ironia*, Coimbra, Coimbra Ed., 1945.